

O presidente reforma-se

A reforma parcial do ministério, a ser formalizada ao meio-dia de hoje, contraria os padrões clássicos e lança modelo inovador, a começar pelo desempenho do presidente Fernando Henrique. Dela se pode dizer, em abordagem analítica, sujeita às chuvas e trovoadas das bruscas mudanças de tempo e às retificações na avaliação objetiva dos seus resultados, que o presidente, antes de mexer no ministério, reformou-se, assumindo a crise e reconhecendo a impopularidade, cravada pelas pesquisas.

Não se troca de temperamento como a juventude dourada troca de mulher. Mas, o otimismo bem humorado, que é das marcas simpáticas do príncipe, abriu a porta para alojar o hóspede indesejável do reconhecimento de que o segundo mandato vai de mal a pior, assim como orquestra que desafina no meio da sinfonia. E não adianta insistir que a culpa é do maestro, desentendido com a batuta, perdido na partitura e teimando em improvisar para engambelar a plateia.

Ora, como não se troca de presidente – e só os desatinados propõem a saída golpista da renúncia –, como não é possível demitir governadores nem parlamentares, a alternativa única é mudar um pedaço do ministério para mostrar ao país que Fernando Henrique Cardoso mudou.

Mas, mudou mesmo? Nem tanto ao mar, na viagem na canoa da esperança; nem empacar no lamaçal do pessimismo, achando que está tudo perdido e que o mundo vai acabar.

O presidente forçou seu temperamento, entortando a alma para safar-se do risco de não terminar o mandato. Nada de golpe, mas fica o embrulho mal-ajambrado, que não resiste aos solavancos da viatura em caminho esburacado e vai se desmanchando, largando pedaços pela estrada.

É, portanto, a reforma em última instância, a caiação do edifício com as estruturas comprometidas e a aparência em lamentável estado, parecendo prédio velho, que começava a ser abandonado pelos moradores.

Aproveitando o embalo, e por estrita necessidade de *marketing*, o presidente ouviu e atendeu os recados das pesquisas. Baixou a crista da arrogância e vestiu o pijama da humildade para receber a visita do povo e acolher os seus conselhos. Índices desqualificantes de rejeição do governo, da sua mania de empurrar dificuldades e contemporizar com escândalos, a condenação à paralisia administrativa, o xingamento da decepção, a crítica áspera ao clima de discórdia na cúpula, enrolada em intrigas, futricas, troca de desaforos e de acusações que caem no tapete e não são apuradas. E muitas queixas engrossam o caldo da irritação, servido pelas pesquisas em escalada crescente. Até a inversão desestabilizadora da desaprovação pela maioria absoluta.

Para seguir a receita, o presidente foi à forra íntima, despejando os ministros de convivência desconfortável, os fofoqueiros contumazes, os nulos que nada faziam nem fingiam serviço. Limitou a articulação política a posterior rodada de conversas com os dirigentes dos partidos que o apóiam. Não mais escravo dos três quintos para a aprovação de emendas constitucionais do seu interesse urgente, como a reeleição, embora precise da base parlamentar para não virar saco de pancada no Congresso.

Mudanças sutis, embora significativas. O pouso na realidade, depois do escorregão das nuvens da fantasia. A crise assumida. E a mexida para salvar o segundo mandato e tentar recuperar alguns pontinhos da popularidade perdida.

Fim da linha para os planos mirabolantes, atirados ao ar em solenidades diárias no Palácio do Planalto, com assistência cativa e os discursos róseos da loquacidade torrencial do sociólogo de improviso fácil e sedutor. E que não safram do papel. Se conseguir salvar um terço deles, na poda da modéstia, será muito.

O ministério recauchutado recebe a tarefa de levar o governo, no trecho perigoso do segundo reinado, na travessia do túnel das eleições.

Da carga reduzida, um volume necessita ser salvo a qualquer custo. O governo sem grandes obras, sem tempo nem dinheiro para cumprir todas as promessas de campanha, do desemprego à modernização do país, espera desembarcar no julgamento da história com a sua grande realização: a estabilidade econômica, o êxito do Plano Real na valorização dos salários, na melhoria da distribuição de renda e de alguns índices sociais.

Se o real carregar o governo no lombo, é com ele que o presidente Fernando Henrique pretende chegar ao reconhecimento da posteridade.